

# Projeto educação e cinema: uma proposta educativa no hospital sobre o atuar dos profissionais da saúde na inclusão

## Jefferson Dias de Lima

Mestre em ciência do ambiente, técnico administrativo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, TO - Brasil  
E-mail: enf.jefferson@uft.edu.br

## Ana Edith Farias Lima

Mestranda em ciência do ambiente e docente assistente do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, TO - Brasil  
E-mail: anaedith@uft.edu.br

## Adriano Rodrigues Mansanera

Psicólogo e docente assistente do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, TO - Brasil  
E-mail: mansanera@uft.edu.br

## Adila Maria Taveira de Lima

Mestranda em ciência do ambiente, técnico administrativo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, TO - Brasil  
E-mail: adila@uft.edu.br

## Resumo

O projeto "Educação e Cinema do HGP" faz o debate e a exibição de filmes semanalmente, nas dependências do Hospital Geral de Palmas. A programação prevê a exibição de temas escolhidos com o propósito da pluralidade cultural, tendo como público profissionais da saúde, acompanhantes e pacientes internados que podem participar livremente, sem contraindicação. O objetivo é lançar um olhar pedagógico-didático sobre o atuar profissional na educação permanente inclusiva, utilizando-se dos filmes, debatendo questões que versam sobre temas transversais nas seguintes áreas: psicologia; didática; teorias pedagógicas; violência e exclusão social; gestão e políticas públicas: diferenças e necessidades educativas especiais; conflitos étnicos; e pluralidade cultural para respeitar a diversidade humana. O uso da arte em função da educação inclusiva e vice-versa possibilitará aos participantes identificar a realidade cotidiana nas diferentes situações apresentadas, bem como entender e respeitar a pluralidade cultural, valores e costumes, favorecendo e enriquecendo o debate e o posicionamento crítico-reflexivo, o que abre perspectiva para a compreensão da arte como parte da formação cidadã.

## Palavras-chave

Educação em saúde. Cinema. Inclusão. Capacitação. Hospital.

## Cinema project and education: a proposal on the therapeutic act of health professionals in the inclusion

## Abstract

*The objective of this project "Education and Cinema" is to discuss and show every week motion pictures on the premises of the Hospital Geral de Palmas-HGP. The schedule includes exhibition of pictures, chosen for the purpose of cultural plurality, and for public health professionals, attendants and patients to freely participate with no restriction. The objective is to have a pedagogical and didactic outlook on the professional performance referring to a permanent inclusive education, using motion pictures for discussing issues concerning transversal themes in the areas as follows: psychology, didactics, pedagogical theories, violence and social exclusion, management and public policies; disparities and need of special education; ethnical conflicts; and cultural plurality for respecting human diversity. Art shall be used in inclusive education and vice-versa. It will allow the participants to identify the daily reality in different situations presented, as well as to understand and respect cultural plurality, values and customs, fostering and enriching the discussion and the critical and reflexive stance, what could open up new perspectives for understanding art as part of a civic education.*

## Keywords

*Health education. Motion picture. Inclusion. Empowerment. Hospital.*

## INTRODUÇÃO

O cinema, conhecido como a sétima arte, é uma maneira de expressar nossas ideias, sensações, opiniões; proporciona um jeito de nos conectarmos com outras pessoas e com o mundo ao nosso redor. A exibição de filmes educativos, enquanto proposta terapêutica inclusiva, faz com que a projeção em espaços formais e não formais seja dupla. De um lado o filme é projetado na tela, de outro são os

espectadores que se projetam nos personagens das cenas. Eles encontram aí um grande espelho que leva a refletir sobre suas múltiplas facetas, das mais acessíveis às mais obscuras. Na visão da psicanálise, o cinema produz “... um saber que possibilita perceber uma outra dimensão, regida pelo desejo inconsciente e sua lógica particular ... admirar a potência inventiva de seus autores nos dá acesso às verdades mais recônditas da alma humana” (TELLES, 2004).

Conforme Alejandro Cobo (2008), há hoje uma geração que é muito mais afetada pelas imagens que pelo texto. Assim, muitas vezes, temos professores excessivamente apegados ao texto e, em oposição, alunos afastados dos textos e mais ligados às imagens. No entanto o autor acredita que o uso de filmes/documentários pode ser inestimável na transformação desta dicotomia. A ideia não é substituir os textos, mas pelo contrário usar o filme/documentário para, de forma ativa, conhecer o texto, para ilustrá-lo. Portanto, o aluno é sujeito e agente do conhecimento.

Avança a tecnologia, avançam as formas de escrita (ROSSI; ROSSI, 2007). Na verdade, o audiovisual é uma nova tecnologia de escrita. Constitui o relato cinematográfico um meio de apresentação de conteúdos que combinam “imagens-movimento, discursos, música, etc., o que o converteria em uma ferramenta atrativa e diferente capaz de estimular de outros modos as atitudes cognitivas” (ROSSI; ROSSI, 2007).

Seria ilusão afirmarmos que somente a escola pode transformar a sociedade, mas que a sociedade tem necessidade urgente de uma escola libertadora, disso não resta dúvida, pois “o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, “ninguém educa ninguém” (FREIRE, 1979). É necessário diálogo com outros sujeitos sociais para a construção de projeto que contemple a sociedade em suas perspectivas, ou seja, “cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro” (FREIRE, 1979).

Com esse projeto, o Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem (CEPEN/HGP) objetiva possibilitar aos pacientes, acompanhantes e servidores o acesso à cinematografia, visando à formação sociocultural, política e inclusiva no âmbito hospitalar. Isso se viabiliza mediante um processo de ensino-aprendizagem com visão multidisciplinar como um meio de aproximar o público interno/externo do HGP da Política Nacional de Humanização (PNH) e do aperfeiçoamento profissional dos trabalhadores da saúde. Busca-se também oportunizar aos participantes o acesso ao conhecimento da linguagem audiovisual; apresentar o cinema aos servidores, pacientes e acompanhantes, como fonte de cultura e agente transmissor de conhecimento; desenvolver, a partir do interesse pelo cinema, o senso crítico, estético e cultural sobre nossa localidade, nosso país e o mundo de modo geral; possibilitar o debate inter e transdisciplinar em torno de temáticas atuais apresentadas através de filmes/documentários; promover a integração e o desenvolvimento social, além de oferecer momentos de lazer aos servidores, pacientes e acompanhantes do HGP. Desse modo é possível melhorar o estresse acumulado no processo de internação e trabalho, ao discutir os filmes exibidos ampliando o conhecimento das relações humanas, históricas e sociais, e ainda promover reflexões a partir do cinema e de suas diversas possibilidades educativas.

O cinema é utilizado como recurso didático para inserção dos temas transversais em espaços formais e não formais; além disso, propõe-se ampliar o espaço de lazer e enriquecimento cultural no hospital, incentivando a formação crítica e apreciativa, principalmente das produções artísticas, espiritualistas, humanitárias, ambientais, científicas, políticas e sociais.

Trata-se de um projeto inovador que traz contribuições acadêmicas ao proporcionar maior discussão e entendimento sobre essa prática em hospitais, ao possibilitar uma visão

diferente, embasada no trabalho da saúde. Agrega ganhos sociais ao contribuir com as políticas de humanização e educação permanente no ambiente hospitalar, melhorando as práticas educativas e permitindo maior interação com o sujeito, seja profissional, seja paciente/usuário/cliente, sejam acompanhantes e gestores.

A proposta é ampla porque sugere trabalhar com questões inter e transdisciplinares, muitas vezes de difícil debate. É atual porque se insere nas discussões globalizadas. É audaciosa porque mexe com estruturas cartesianas e instiga a uma reflexão crítica transformadora, a começar pelo próprio sujeito.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ser humano ao nascer já se torna candidato à humanidade, faz parte de um coletivo de pessoas que lhe proporcionam os aspectos culturais de seu contexto histórico. Para Lane (1985), essa influência histórico-social no comportamento dos indivíduos começa a se destacar a partir da aquisição da linguagem. É no convívio com os outros seres humanos que vão se definir as regras, os valores, os hábitos de determinado grupo social.

E a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive. (LANE, 1985, p.10)

É preciso ter consciência da alienação sobre seu ser no mundo e, também, da sua falta ou pouca ação sobre esse mundo. Não ser um sujeito que fique acomodado, adaptando-se sem resistências à nova ordem estabelecida pelo sistema social. Não sei como algumas pessoas conseguem dizer com naturalidade: “eu não me envolvo com isso”, “não discuto política ou religião”, “sou neutro nessas questões”. Eu, você, nós todos juntos fazemos parte de um coletivo de sujeitos que têm capacidade

de atuar e refletir. Não somos pessoas abstratas ou a-históricas, somos seres humanos concretos que fazemos parte de um momento histórico específico.

Nossa proposta, ao exibir os filmes no HGP, é que eles sirvam como uma metodologia de aprendizagem, contribuindo assim para a tomada de consciência, mesmo que simples, dos profissionais de saúde; usuários e seus acompanhantes. Mas que tomada de consciência seria essa? A consciência de uma realidade social concreta, pois “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, é o seu ser social que [...] determina a consciência” (MARX, 1997, p.5) Ou seja, não são as ideias que mudam o mundo, mas alguns fatos concretos, como a economia, a política e as situações sociais do modo de produção capitalista que podem auxiliar na mudança.

Isso pode levar algumas pessoas a pensar de forma equivocada o seguinte: já que as ideias não mudam o mundo, então não farei nada?

A **segunda posição** de Karl Marx pretende justamente evitar essa passividade de nada querer fazer para mudar as coisas. “É por isso que a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver.[...] O próprio problema só surgiu quando as condições materiais para resolvê-lo já existiam ou estavam, pelo menos, em via de aparecer” (MARX, 1977, p.6)

A partir dessa perspectiva teórica, acreditamos que educação e cinema são novas formas de vermos o mundo, e devem ser utilizadas em hospitais como recursos que possibilitem o encontro dos indivíduos envolvidos nesse projeto com a cultura, com os valores e com a realidade social de que fazem parte, abrindo uma discussão de pluralidade cultural.

O cinema tem como objetivo o lazer e a recreação, despertando como consequência sentimentos e emoções de quem assiste aos filmes. É nesse ponto que nosso projeto tem um elo importante com a área da educação, pois as pessoas, envolvidas com

as imagens no seu registro pessoal, irão gerar um encadeamento de possibilidades para posterior discussão do que viram, do que sentiram ao ver o filme.

Temos dois questionamentos: primeiro, por que o cinema como proposta pedagógica no HGP? Segundo: a presença desse recurso midiático no espaço hospitalar não vai incomodar a ordem estabelecida do silêncio total?

Quanto ao primeiro questionamento: acreditamos que o cinema não é somente recreativo ou ilustrativo, como simples passatempo. O cinema, com suas formas de imagens a serem vistas, tem posicionamentos políticos, tem opiniões sobre o homem, sobre o mundo e principalmente sobre o modo que estamos vivendo nos tempos atuais.

Esse caráter ilustrativo traz consigo uma grande carga ideológica e que gera a alienação dos indivíduos que consomem as mensagens veiculadas pelo cinema. Contudo, se este for abordado sob um prisma *crítico* poderá resultar num processo com possibilidades de politização. (KLAMMER; GNOATTO; OZÓRIO; SOLIERI 2006, p.3)

A questão da identidade social é explorada cotidianamente nas novelas e filmes, na TV ou no cinema. Se os personagens do pai, do filho(a), do marido, da esposa não agirem de acordo com a identidade social construída para esses papéis, as pessoas estranham. A identidade social do outro vai se refletir na minha. Para se ter a identidade social do bom marido, tem-se de estar casado com a boa esposa.

Até que ponto você é personagem, ou autor de sua história de vida? Se é personagem, quem é o autor? Ciampa (1984, p.60) afirma que

Todos nós – eu, você, as pessoas com quem convivemos – somos personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo. Com esta afirmação já antecipamos o que se poderia

dizer caso consideremos o autor que cria nossa personagem; o autor mesmo é personagem da história. Na verdade, assim, poderíamos afirmar que há uma autoria coletiva da história; aquele que costumamos designar como ‘autor’ seria dessa forma um ‘narrador’, um ‘contador’ de história.

Uma identidade social depende de outra e vice-versa, o marido depende da esposa, o(a) filho(a) da existência do pai ou da mãe, a do professor do seu aluno; nós construímos outras identidades sociais com a vivência de nossas relações, do indivíduo solteiro, namorado, casado, separado, do pai ou da mãe, do avô ou avó, entre outras.

Com as identidades sociais, além dessas que já passamos ou vamos passar algum dia, temos outras identidades de conotações negativas. Um bandido que comete um crime, ou um desempregado que se torna alcoólatra ou criminoso, sua identidade social passa a ser a de um criminoso. Ciampa (1984, p.61) observa que

Nós nos tornamos algo que já éramos e estava como que ‘imbuído’ dentro de nós? Parece que quando se trata de algo positivamente valorizado, a tendência nossa é afirmar que estava ‘imbuído’ em nós [...] quando não desejáveis, frequentemente estava ‘imbuído’ nos outros”.

Segundo Lane (1985), a identidade social que temos representa um conjunto de papéis sociais que desempenhamos na nossa vida cotidiana. E esses papéis na sua maioria atendem à manutenção das relações sociais que os outros esperam da gente, como ser boa filha, bom filho, boa esposa, bom marido, bom funcionário.

Lane (1985, p.23) questiona: você não teve a consciência de si, enquanto sujeito construindo a sua história? Diz também que sua identidade ou seus papéis sociais foram reproduzidos a um nível ideológico, e que você foi alvo de “relações de dominação necessárias para a reprodução das condições materiais de vida e a manutenção da sociedade de classe onde uns poucos dominam e muitos são dominados”.

Quanto à segunda pergunta: o cinema no hospital do isolamento não vai incomodar a ordem estabelecida do silêncio total? Percebemos que incomodou sim, não aos profissionais de saúde nem aos usuários e acompanhantes. Porém perturbou mais às pessoas que estão em cargos de comando, porque sua formação positivista e fechada não lhes permite inovar; mesmo não demonstrando com palavras, mas com ações, ainda expressam o modelo de hospital curativo, isolado de um mundo globalizado, alternativo, inovador.

Reconhecemos algumas dificuldades com pacientes em cuidados intensivos, ou com limitações/restrições de movimentos, que não podem participar da proposta, pelo menos enquanto perdurar o estado clínico. Mas nem todos os pacientes estão impossibilitados de tornar sua estadia no hospital mais significativa, de participar de atividades diferenciadas, mais humanas.

[...] em matéria de cinema somos obrigatoriamente iniciantes: “compreendê-lo” equivale a “saber vê-lo”, uma tarefa sempre inacabada, sempre renovada. Porque, quando o cinema não for mais capaz de provocar surpresa e espanto, quando alguns filmes não levarem à perplexidade o espectador, certamente alguma coisa estará errada: ou com o cinema ou com o espectador (ARAÚJO, 1987, p.13).

Para algumas pessoas é mais cômodo ser neutro, pois a mudança para uma postura crítica e reflexiva gera incômodos, desconfortos, pois nos instiga a um comprometimento de responsabilidade social. Mas fica uma dúvida: como ser profissional da saúde e também um educador, se não falar do contexto social? Como não falar da humanidade injusta? Como não denunciar as mentiras que a burguesia quer passar como verdade? Como acreditar que todos são iguais e, por isso, têm os mesmos direitos a uma saúde e educação de qualidade? Como entender as mazelas decorrentes das diversidades econômicas, se não nos dispusermos a olhá-las como realmente são? Saber que tais condições

sociais foram-nos impostas. Para responder a essas questões, não podemos concordar com a lógica do conformismo, por isso estamos de acordo com Freire e Horton (2003, p. 118-19) ao dizer que:

Eu tenho uma ideia, se eu acredito em alguma coisa, tenho que acreditar que essa coisa é boa para todos. Não pode ser boa para mim.[...] Se elas foram expostas a algumas coisas a que eu fui exposto, se elas tiverem algumas experiências formativas que eu tive, elas poderão chegar à mesma conclusão. Por isso, vou tentar expô-las a algumas dessas ideias, ao mesmo tipo de aprendizado que eu tive, na esperança de que verão a luz (p.118-119, grifo nosso).

A educação e o CINEMA não podem ser somente como um depósito bancário que atende aos interesses econômicos do neoliberalismo; têm de ser a educação libertadora, como dizia Paulo Freire. Ser PROFISIONAL DE SAÚDE é trabalhar com gente, mas gente que pensa, gente que faz e não somente reproduz o que a burguesia quer. Não é por estar em condição de cuidados assistenciais que não se deve participar de atividades de inclusão, até mesmo para não se pensar no isolamento. Destarte a isso, para não pensar ou mesmo se atormentar com a saúde comprometida e corroborar o tratamento sendo apenas paciente, um ser passivo, inerte aos cuidados dos outros, esquecendo que é necessário e até um dever a participação nesse processo dinâmico do cuidar.

Segundo Freire e Horton (2003), essas ideias podem parecer muito críticas, mas é uma crítica otimista, que não deve imobilizar alguém a não querer fazer nada, mas a partir dessa análise, algum dia se poderá mudar a nossa sociedade. Temos medo de arriscar-nos a fazer coisas novas; a mudança surge da inovação dos PROFISSIONAIS e do seu atuar da parte administrativa do HOSPITAL, da comunidade do bairro e por fim da sociedade, que não pode ser exclusivamente uma lei abstrata construída por homens.

## METODOLOGIA

Utilizou-se na revisão bibliográfica as seguintes palavras-chave: educação em saúde, cinema, inclusão, capacitação, hospital. Foram consultadas as bases de dados Medline e Lilacs. Restringiu-se às publicações em língua espanhola e portuguesa, entre os anos de 1977 a 2008. Foi dada especial atenção aos artigos de revisão. Grande produção científica sobre o tema foi identificada. Dentre ela, foram selecionados cinco artigos considerados de grande impacto.

O Hospital Geral de Palmas (HGP), por meio do CEPEn, é o responsável pela execução do Projeto Educação e Cinema, desenvolvido nas dependências hospitalares todas as terças e quartas-feiras, às 19 horas e 30 minutos. O projeto é executado durante todos os meses do ano com duração indeterminada, sendo renovado anualmente com as necessárias adequações e melhorias.

Após a exibição de cada filme, há uma discussão com membros da comunidade interna e/ou externa do HGP, por exemplo: o filme *Bicho de Sete Cabeças* pode trabalhar com depoimentos de viciados, sempre com uma leitura mais ampla e mais profunda a respeito da problemática.

O Projeto Educação e Cinema do HGP é executado em três etapas: 1ª) o agendamento e a preparação para a exibição do filme; 2ª) a exibição; 3ª) o desenvolvimento de ações e trabalhos diversos, que ocorrem posteriormente à sessão cinematográfica.

1ª FASE – A primeira fase foi feita com atuação direta das equipes pedagógica do CEPEn, que ficaram responsáveis por entrar em contato com o Núcleo de Educação Permanente (NEP) para agendar uma sessão de cinema. Pela experiência prática, sugerimos que as visitas aos diversos setores hospitalares fossem realizadas sempre após às 17 horas e 30 minutos, no intuito de aperfeiçoar o aproveitamento da atividade, pois assim os profissionais repassam as informações e ações preparatórias para a exibição. Com isso, espera-se que haja uma integração entre os

roteiros dos filmes e as atividades assistenciais dos profissionais de saúde. Relembramos que o pleno sucesso de uma proposta como essa depende de um trabalho interdisciplinar, envolvendo o máximo de pacientes, acompanhantes e funcionários do hospital. Dessa forma, o comentarista poderá estimular a observação mais acurada e o senso crítico dos profissionais, pacientes e acompanhantes quanto à obra cinematográfica.

2ª FASE – A segunda fase é a exibição propriamente dita, ou seja, é o momento em que o público, dentre o qual muitos pela primeira vez, irão assistir a um filme. A escolha do filme é realizada previamente com apoio do CEPEn, que indica o tema mais compatível com os trabalhos a serem desenvolvidos nos setores hospitalares. Durante as sessões, os participantes têm acesso a um ambiente de conforto, segurança e com tecnologia de som e imagem, aproveitando a experiência da forma mais prazerosa possível. Através das sessões os participantes podem vivenciar uma atividade educativa única, pois a exibição de um filme servirá como fator desencadeante de discussões, debates e inúmeros trabalhos humanizados.

O deslocamento dos pacientes com restrições de locomoção entre as diversas alas do hospital ocorre em cadeiras de rodas. Portanto, relembramos que os profissionais deverão preparar antecipadamente alguns procedimentos assistenciais pertinentes à circulação dos pacientes, administração de medicação e dietas alimentares, atentos à importância da segurança do transporte durante o trajeto e na sessão de cinema.

3ª FASE – Após cada sessão, o comentarista utiliza o tema exibido para sensibilizar os participantes por meio da informação, capacitação e do desenvolvimento de valores. Dessa forma, com este trabalho esperamos despertar nos profissionais, acompanhantes e pacientes uma nova relação interpessoal e profissional; uma visão na qual os métodos tradicionais e os modernos possam fundir-se em novas possibilidades de aprendizado e crescimento profissional, pessoal e coletivo.

Ao longo de todo o ano, faz-se o registro do andamento do projeto por meio de arquivo fotográfico, para as publicações semestrais (julho/dezembro), de Informativos, bem como Relatório de Gestão contendo os resultados alcançados anualmente. Permite-se assim, uma avaliação do público atingido, os pontos positivos e negativos e o desempenho dos profissionais nos aspectos assistenciais. O Relatório de Gestão será usado na melhoria dos resultados durante a renovação e relançamento do projeto, que acontecerá sempre no início de cada ano.

A avaliação do projeto ocorre em todas as fases, desde seu início até a execução propriamente dita, e chega a outros locais de nossa comunidade, principalmente no ambiente familiar dos pacientes e funcionários do hospital.

## RESULTADOS

O projeto realizou, até agora, 19 exibições de filmes, divulgadas somente pelo convite individual nos setores de internação, que se encantam com a oportunidade, com um total de 427 espectadores. Registra-se média de público de 22 pessoas por sessão – o número deve aumentar com as ações de mídia pelos diversos setores hospitalares.

Houve a inserção do projeto como complementação pedagógica na formação do profissional da saúde pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Tocantins/UFT, que fornecerá certificação para efeito de progressão vertical no Plano de Cargos, Carreira e Salários (PCCS) do Governo do Estado do Tocantins.

Considera-se ter superado as metas estabelecidas. É necessário dar continuidade ao projeto, ampliando seu rol de atuação. As articulações se fazem também necessárias para a continuidade e conhecimento da iniciativa. Estamos nesse processo desde o início, porém agora com mais entusiasmo, porque temos consciência de que é preciso vencer etapas para aprimorar mais e mais as ações, pois a importância da existência do projeto já é concreta.

Toda essa proposta de trabalho envolvendo a linguagem fílmica executada dentro do hospital trouxe, de algum modo, possibilidades de envolvimento entre os pacientes/acompanhantes/profissionais e o cinema como outro modo de expressão daquilo que ocorre no mundo, constituindo certo vínculo entre os filmes no ambiente hospitalar e as questões que, de certa forma, transcendiam o filme e se efetivavam a partir do olhar individual daquele que o assistia.

Uma profissional da Ala E-F, em entrevista, falou sobre os filmes que gostara de assistir e os efeitos do projeto no trabalho pedagógico, em um caráter avaliativo:

Excelente, pois ao término de cada filme os comentaristas socializavam e cada espectador opinava e construía novos conceitos juntamente com os comentaristas, relacionando os acontecimentos dos filmes com fatos contidos nas práticas assistenciais do hospital.

Esta afirmação nos ajuda a compreender como se desenvolvem as relações dos indivíduos com as imagens provenientes da linguagem fílmica, como observa Duarte (2002):

Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica.

Apreciar filmes propicia ao espectador elementos de reflexão perante o processo de cognição, possibilitando estabelecer relações com a realidade de cada sujeito e as suas intencionalidades. Revela, desse modo, as possibilidades *Educomunicativas*, ou seja, os diálogos existentes entre a educação e a comunicação que envolvem a linguagem cinematográfica<sup>5</sup> (DUARTE, 2002).

FIGURA 1

Cartaz de divulgação do Projeto Educação & Cinema do HGP, 2010.



## CONCLUSÃO

O aprendizado no hospital não pode se restringir unicamente ao cumprimento de horários nas oficinas de capacitação e treinamento em serviço, pois deve ir muito além do simples formalismo presente no repasse de conteúdos e trabalhos.

O aprendizado para ser plenamente alcançado necessita, muitas vezes, sair da rotina do dia a dia hospitalar. Assim, cabe à equipe pedagógica do CEPEn/HGP buscar alternativas, o que pode ser feito em uma proposta como essa, pois o “cinema”

serve como um instrumento de debate e reflexão, tão importantes na formação de nossos servidores, pacientes e acompanhantes.

Por essa razão, o projeto mostra uma relevância extraordinária ao agregar valores, vivências e reflexões comuns a diversas práticas assistenciais, possibilitando um espaço de discussão permanente dentro do hospital.

---

Artigo submetido em 23/05/2011 e aceito em 14/11/2011.

---

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inácio. Prefácio. In: COSTA, Antônio. *Compreender o cinema*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, Silvia. T. M.; CODO, Wanderly; (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COBO, A. La producción audiovisual favorecedora del protagonismo de los alumnos In: CONGRESSO NACIONAL,10.; CONGRESSO INTERNACIONAL “REPENSAR LA NIÑEZ EM EL SIGLO XXI, 2., 2008, Mendoza, Argentina. Disponível em: <http://www.feeye.uncu.edu.ar/web/X-CN-REDUEI/eje3/Cobo.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011.
- DUARTE, R. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. 2. ed.. Petrópolis: Vozes 2003.
- KLAMMER, Celso Rogério; GNOATTO, Dejanira Malacarne; OZÓRIO, Érika Vanessa Kampa; SOLIERI, Mariluz. Cinema e educação: possibilidades, limites e contradições. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 3., 2006, Florianópolis. Disponível em: < [http://www.up.com.br/painelgpa/uploads/imagens/files/Pedagogia/ART%20CINEMA%20E%20EDUC%20\(SIMP%20NAC%20HIST\).pdf](http://www.up.com.br/painelgpa/uploads/imagens/files/Pedagogia/ART%20CINEMA%20E%20EDUC%20(SIMP%20NAC%20HIST).pdf)> Acesso em: 18 out. 2011.
- LANE, Silvia. T. M. *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Nova Cultura: Brasiliense, 1985.
- MARX, K. 1977. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Contribuição para a crítica da economia política*. 5ª ed. Lisboa : Estampa, 1977.
- ROSSI, E.; ROSSI, K. What is a suggestion? The Neuroscience of Implicit Processing Heuristics in Therapeutic Hypnosis and Psychotherapy. *Am J Clin Hypn*, v. 49, n. 4, p. 267-81, Apr. 2007.
- TELLES, S. *O psicanalista vai ao cinema: artigos e ensaios sobre psicanálise e cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo; São Carlos, SP: EdFSCar, 2004.